



Reflexões sobre o texto literário em aula de FLE a partir de *O Estrangeiro* /

Réflexions sur le texte littéraire en classe de FLE à partir de L'Étranger

Normelia Maria Parise*

Desde 1993, professora de Língua francesa e de literaturas e culturas francófonas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Licenciatura em Letras Português/Francês; mestrado em Estudos Francófonos, pela UFRGS; doutorado em Literatura, pela UFF; pós-doutorado sobre Marie Vieux-Chauvet, na Université Paris8. De 2008 a 2011, leitora e diretora do Centre culturel Brésil-Haïti/Centro Cultural Brasil-Haiti.



<https://orcid.org/0000-0001-8201-6679>

Recebido em 21 nov. 2025. Aprovado em: 25 nov. 2025.

Como citar este artigo:

PARISE, Normelia Maria. Reflexões sobre o texto literário em aula de FLE a partir de *O Estrangeiro*. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 4, e7280, dez. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17970572.

RESUMO

Este artigo trata de experiências de leitura de textos literários realizadas em aula de francês como língua estrangeira (FLE) na minha universidade: trata-se da leitura de *O Estrangeiro*, de Albert Camus, *O Amante*, de Marguerite Duras e de *Petit pays*, de Gaël Faye, proposta a dois grupos de alunos do curso de Licenciatura em Letras Português-Francês. Embora a presença do texto literário na sala de aula da língua seja objeto de muitas abordagens e reflexões, e apesar dos avanços da linguística nas abordagens do texto literário: Bakhtin (1970), Jakobson (1969), Benveniste (1966, 1974), Barthes (1984), Maingueneau (1990), nos nossos cursos de línguas a separação entre língua, literatura e cultura permanece atual. Ora, o texto literário em classe de FLE nos permite trabalhar a língua em sua articulação com cultura e abordar as formas gramaticais, levando em conta seus aspectos semânticos e estilísticos, sem os quais o ensino-aprendizagem da gramática se torna um exercício puramente formal (Bakhtin, 2013). O objetivo é apresentar uma abordagem do texto literário em classe de FLE através da qual os alunos foram levados a se interessar pela história, mas também pelo texto em sua materialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Didática do FLE; Leitura literária; Literaturas francófonas; Práticas do texto literário.

RÉSUMÉ

Cet article porte sur des expériences de lecture des textes littéraires menées en classe de français langue étrangère (FLE) à mon université: il s'agit de la lecture de *L'Étranger*, d'Albert Camus, et de *L'Amant*, de Marguerite Duras, de *Petit pays*, de Gaël Faye, proposée à deux groupes d'apprenants du cours de Licence ès Lettres portugais-français. Bien que la présence du texte littéraire en classe de langue soit objet de nombreuses approches et réflexions, et malgré les avancées de la linguistique dans les approches du texte littéraire: Bakhtine (1970), Jakobson (1969), Benveniste (1966, 1974), Barthes (1984), Maingueneau (1990), dans nos cours des langues la séparation entre langue, littérature et culture reste d'actualité. Or, le texte littéraire en classe de FLE nous permet d'aborder la langue

*

normiparise@gmail.com



à la charnière de la culture et d'aborder les formes grammaticales en prenant en compte ses aspects sémantiques et stylistiques, sans quoi l'enseignement-apprentissage de la grammaire devient un exercice purement formel (Bakhtin, 2013). L'objectif est de présenter une approche du texte littéraire en classe de FLE par laquelle les apprenants ont été amenés à s'intéresser à l'histoire, mais également au texte dans sa matérialité.

MOTS-CLÉS: Didactique du FLE; Lecture littéraire; Littératures francophones; Pratiques du texte littéraire.

1 Introdução

As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo. (Bakhtin, 2013, p .23)

Sem a abordagem estilística, o estudo da sintaxe não enriquece a linguagem dos alunos, e privado de qualquer tipo de significado criativo, não lhes ajuda a criar uma linguagem própria. (Bakhtin, 2013, p. 28)

Este artigo aborda a questão do texto literário em aula de FLE a partir de experiências de leitura de *O Estrangeiro* realizadas em aulas de francês como língua estrangeira (FLE), na minha universidade: trata-se da leitura de Albert Camus, proposta a alunos mais avançados do curso de Licenciatura em Letras Português-Francês. Embora a presença do texto literário na aula de língua seja objeto de muitas abordagens e reflexões, a separação entre língua, literatura e cultura no ensino de línguas estrangeiras permanece atual. Na verdade, por que o texto literário em classe de FLE? Por que *O Estrangeiro*? Obra presente na didática do FLE para abordar, em particular, o passado composto e o discurso relatado. Estes questionamentos se apoiam em Questões de estilística no ensino da língua (2013), de Bakhtin que nos permitem considerar o ensino das formas gramaticais, da língua materna ou estrangeira, na articulação dinâmica entre escrita e oralidade / *langue e parole*, em uma perspectiva semântica e estilística.

Desde que leciono no FLE, trabalho com textos literários nas aulas de língua: peças de teatro (*A Cantora careca*, *Rinocerontes*, *Art*), quadrinhos (*Persépolis*, *Tintim no Congo*, *L'Arabe du futur*) e romances (*O Estrangeiro*, *O Amante*, *Petit Pays*, *Chanson douce*). Minha primeira experiência, já há alguns anos, foi a leitura de *A cantora careca* cujo objetivo era encenar uma leitura dramática da peça. Para realizar a encenação, a turma dedicou duas horas semanais à leitura e interpretação da peça. Quando cada um escolheu seu papel, passamos para os ensaios. Isso por meses. Deve-se considerar que, na época, as disciplinas eram anuais.

Com esta leitura dramática, tratava-se de lhes fazer representar um personagem apropriando-se do seu discurso, um discurso do cotidiano que passa pelo crivo do humor absurdo. O diálogo de Mme. Smith e de M. Smith em torno da refeição, em uma cena diária que lembra os diálogos dos métodos, permite-lhes distanciar-se do contexto de seu aprendizado de FLE. As falas dos personagens são lógicas do ponto de vista gramatical, mas são disparates do ponto de vista da situação de comunicação. Esta falha nos discursos dos personagens, entre o que é dito e a forma como os personagens articulam-no, lembremo-nos de outro diálogo, o de Mme Martin e de M. Martin, que tem como alvo a facticidade dos diálogos dos métodos de ensino das línguas estrangeiras. E, portanto, a percepção dessa falha permite que os estudantes tomem consciência, através do humor, da noção de situação de comunicação. Além disso, o trabalho sobre o texto teatral na sala de aula do FLE ajuda a superar a inibição da fala, cria um ambiente de aprendizagem coletivo e permite trabalhar as entonações da língua.

Anne-Sophie Morel sugere que “para que a análise [do texto literário na classe de FLE] seja realmente proveitosa, é essencial que ela se refira a um elemento que esteja na junção entre sentido e forma e não se reduza unicamente à análise da forma.” (Morel, 2012, p.146) Ou apenas do “conteúdo”. Muitas vezes, o texto literário torna-se um pretexto para a produção oral dos estudantes; a leitura “encontra-se associada à aquisição de outras competências linguísticas e é convocada numa perspectiva intercultural.” (Morel, 2012, p.143). Agora, nas experiências realizadas na sala de aula de FLE, eu quis chamar a atenção dos estudantes para a estreita relação entre forma e conteúdo. O que lhes permite captar o efeito do emprego do passado composto, no caso da interpretação de *O Estrangeiro*, do deslocamento temporal e enunciativo provocado pelo seu uso.

Eu também quis valorizar a recepção do texto, os efeitos sobre o leitor para valorizar a leitura. Parece-me que a leitura do texto literário, silenciosa e individual ou em voz alta na sala de aula deve ser o objetivo principal. *O Estrangeiro* favorece esta perspectiva na medida em que o texto coloca em cena a fala, a voz que se dirige diretamente ao leitor/leitora. Trata-se de um romance cuja compreensão e interpretação pedem que se atente para o estilo caracterizado pelo emprego do passado composto na narrativa e pelo discurso indireto. Embora *O Estrangeiro* seja um “caminho batido” na didática do FLE, é um romance da palavra no qual o passado perfectivo é um elemento a partir do qual podemos articular o sentido e a forma. No que diz respeito à recepção, assistir ao documentário *Vivre avec Camus*, de Joël Calmettes, pode favorecer a abordagem. O autor questiona leitores e leitoras de vários países e continentes sobre os efeitos



da leitura de Camus em sua existência. Os testemunhos destacam a dimensão ética da literatura. O meu propósito é considerar a dimensão estilística do romance de Camus.

2 O estilo em estilo *O Estrangeiro*

Jean-Paul Sartre escreveu um texto sobre *O Estrangeiro* no qual ele aproxima o estilo de Camus ao de Hemingway: “La parenté des deux styles est évidente. Dans l’un et l’autre textes, ce sont les mêmes phrases courtes: chacune refuse de profiter de l’élan acquis par les précédentes, chacune est un recommencement. Chacune est comme une prise de vue sur un geste, sur un objet.”¹ Para Sartre, Camus emprega o passado indefinido na narrativa (o passado-composto em oposição ao passado simples) “pour accentuer la solitude de chaque unité phrasique” (Sartre, 1947, p.111). De modo que “chaque phrase est une île” (*Idem*); não há relação lógica que as une, mas uma sequência de frases que se seguem sem se encadear. Tomemos o *incipit* onde o narrador anuncia, *in media res*, a morte da mãe: Aujourd’hui, maman est morte. Ou peut-être hier, je ne sais pas. J’ai reçu un télégramme de l’asile : “Mère décédée. Enterrement demain. Sentiments distingués. Cela ne veut rien dire. C’était peut-être hier.”².

Eis um *incipit* que causou estranhamento na época, e até mesmo hoje, revolucionando a arte do romance. Em um estilo telegráfico o leitor é informado, pelo narrador, da morte da mãe que estava em um asilo. Ele confessa não ter certeza do dia da morte de sua mãe (o que é compreensível, já que o telegrama poderia ter sido enviado no mesmo dia ou na véspera de seu recebimento), mas acrescenta que isso não importa, seja “ontem” ou “hoje”. Esta observação faz frequentemente o leitor estremecer. Estamos diante de uma narrativa onde o que é contado e a maneira de contá-lo, seu estilo de escrita parecem colidir, produzir uma discordância.

O *incipit* apresenta-nos uma série de unidades de frases separadas do ponto de vista sintático. O leitor encontra-se diante de uma palavra desligada do discurso. Cada frase é uma parada (de morte). Esta disjunção soma-se à disjunção entre o que é dito e a maneira como é dito.

¹ O parentesco dos dois estilos é evidente. Em ambos os textos, as mesmas frases curtas: cada uma recusa a aproveitar o impulso adquirido pelas anteriores, cada uma é um novo começo. Cada uma é como uma tomada de um gesto, de um objeto, em Situações I, Paris: Gallimard, 1947, p. 111.

² Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei. Recebi um telegrama do asilo: “Mãe falecida. Funeral amanhã. Sentimentos distintos.” Isso não significa nada. Pode ter sido ontem. (tradução minha). Camus, Albert. *L'Étranger*, Paris, Gallimard, 1947.

O narrador parece demonstrar indiferença diante do anúncio da morte da mãe [Isso não importa/ Talvez tenha sido ontem]. O leitor reage à frieza do personagem, à sua falta de humanidade. Ele é, assim, desde o início condenado pelo leitor que o vê como um monstro, insensível à morte da mãe.

Para levar os alunos a compreenderem o emprego singular do passado composto em *O Estrangeiro*, é necessário que eles saibam, ou que lhes ensine, os dois regimes de temporalidade da língua francesa: o passado simples associado à narrativa e o passado composto associado ao discurso, caso contrário, eles perdem o aspecto estilístico deste romance, o passado composto funcionando como uma sucessão de presentes. Mas, por que isso é realmente importante para as aulas de FLE? Não há risco de adentrarmos na literatura?

3 Qual perspectiva metodológica?

É claro que, na minha abordagem do romance em aula de FLE, propus atividades escritas e orais a partir das abordagens comunicativas e interculturais. O romance permite abordar o discurso indireto e a francofonia (a questão do árabe), simular um interrogatório, por exemplo. Os estudantes podem pensar em perguntas que fariam a Meursault durante o interrogatório, uma vez que a motivação do seu gesto é um ponto de interrogação para os leitores/ leitoras. No entanto, essa perspectiva pode fazer do romance um mero pretexto para estudar a gramática (exercício de transposições do discurso indireto ao discurso direto/ forma e emprego do passado composto) ou a oportunidade de propor atividades de produção oral e escrita (exposição oral, opinião sobre o romance, resumo, relatório) e abordar a francofonia. Camus é um escritor que se encontra em uma posição “entre-dois” e sua obra atesta este duplo pertencimento linguístico, cultural, sociológico e antropológico. É um romance que suscita a complexa relação de Camus com a Argélia³.

Nos vemos, assim, um tanto enredados em uma questão metodológica difícil. Ora, na minha proposta, procuro primeiro valorizar a leitura individual dando aos estudantes o livro no início do semestre. Eles devem começar a lê-lo desde o início das aulas. À medida que as aulas avançam, peço-lhes suas impressões de leitura para testar a compreensão do texto e ver se ela permanece na superfície, se se restringe ao “conteúdo” ou se toca à linguagem.

³ Ver o conto “L’Hôte” publicado em *L’Exil et le Royaume*. Paris: Gallimard, 1957.

O romance é dividido em duas partes. A primeira é centrada no indivíduo Meursault e cujo final é detonado pelos três golpes que fizeram tudo mudar na vida do narrador. A segunda nos coloca em pleno julgamento: Meursault é julgado pelos outros. E aí ele se torna estrangeiro para a sociedade, enquanto na primeira parte é para o leitor que ele se torna estrangeiro. Com efeito, para ele é indiferente que a sua mãe tenha falecido “hoje” ou “ontem”; adormece e fuma no velório da mãe; e, alguns dias depois do seu enterro, conhece uma jovem mulher com quem vai ao cinema ver uma comédia, sem respeitar o luto. As acusações da sociedade são retomadas pelo indivíduo/leitor que, desde o início, faz um julgamento moral sobre o narrador, condenando-o *in media res*. Porém, um trabalho sobre *incipit* do roman nos permite abordar o estilo de escrita de Camus no ensino/ aprendizagem. E, além disso, matizar o julgamento de Meursault.

Voltando ao início do livro: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei. Recebi um telegrama do asilo: ‘Mãe falecida. Funeral amanhã. Sentimentos distintos.’ Isso não significa nada. Pode ter sido ontem.” (Camus, 1947, p. 01)

Primeiro, é *in media res*: o leitor recebe a notícia ou o anúncio da morte da mãe à queima-roupa, ao vivo: “Hoje, mamãe morreu”. Sem exclamação! A morte se inscreve no limiar do romance por uma fase que poderia ter sido um miniconto. É um anúncio de um fato consumado; uma constatação. “Hoje”, separado por uma vírgula, nos coloca no presente do discurso. Há alguém que nos anuncia que sua mãe morreu, como se estivesse anunciando a partida de um trem. E, depois disso, ele admite não ter certeza; pode ser que tenha sido ontem. Temos assim uma temporalidade entre “hoje” e “ontem” que nos situa no presente (do discurso). Há alguém que se dirige a nós leitores/leitoras, anunciando a morte da mãe. Este comentário é seguido pela transcrição do telegrama recebido da administração do asilo. Como todo texto telegráfico, é lacônico, composto por três frases cada uma construída com um nome + um adjetivo ou advérbio: morte da mãe/enterro amanhã/condolências. O telegrama também não nos permite saber o dia exato da morte. Em seguida, duas frases autônomas, do ponto de vista sintático e semântico, pelas quais ele sugere que essa imprecisão sobre o dia da morte da mãe não tem importância.

Temos assim no *incipit* dois “textos”: o do narrador, falado, e o da administração do asilo, escrito. Ambos não têm cerimónia. São simples, diretos, sem *trémolos*. Do ponto de vista da história, a análise do telegrama permite matizar a “frieza” do narrador e o julgamento moral sobre ele por nós, leitores/leitoras. Por outro lado, a análise da sintaxe revela um estilo paratático pelo qual o escritor justapõe as frases sem ligação de coordenação ou subordinação. Há como uma sucessão de frases. O romance começa com uma estrutura passiva [a mãe morreu] encadeando

posteriormente o presente do indicativo e o passado composto. À medida que a narrativa avança descobrimos uma existência vivida na contingência, desprovida de transcendência. Este aspecto de sua existência é traduzido pelo aspecto do passado composto, em oposição ao passado simples.

As duas formas verbais servem para relatar ou narrar acontecimentos, fatos passados, no entanto têm regimes diferentes: o primeiro relacionado à língua falada, ao discurso, enquanto o segundo é reservado à escrita: à literatura clássica, à fábula, ao conto, etc.⁴ Esta distinção não nos parece suficiente para compreender o que distingue e diferencia o “passé composé” do “passé simple”. Alguns autores, como Émile Benveniste, Harald Weinrich, Dominique Maingueneau estabeleceram parâmetros distinguindo-os: a distância ou proximidade com o presente do indicativo aparece como um elemento que os diferencia; a oralidade e a escrita; o tempo atual e passado, separado do presente.

Os estudantes são conduzidos através destas reflexões a aprender a forma do passado composto, seus valores em oposição ao passado simples e compreender seu emprego em *O Estrangeiro*. Esta abordagem metodológica permite descompartimentar os tempos verbais no sentido em que podemos usar o presente para fazer uma narrativa, contar uma história (ex.: a biografia de um personagem histórico), a escolha da forma verbal é muitas vezes questão de estilo. No caso de *O Estrangeiro*, o passado composto denota o desapego de Meursault em relação à sua existência, eventos que ocorrem em sua existência; seus dias que se sucedem como por acaso; suas ações sem peso, intenção. Ele leva uma vida no dia a dia como se sua existência fosse uma sucessão de presentes, uma sequência dos dias que se sucedem e se assemelham, sem teleologia, sem transcendência.

O *incipit*, palavra que serve para designar o início do romance, tem várias funções. Tratando-se da abertura do romance, ele tem a função de cativar o leitor/ leitora para que ele tenha o interesse em continuar a leitura. O romancista estabelece um pacto de leitura. O *incipit* pode dar elementos sobre gênero ou subgênero, o ponto de vista adotado ou o foco. No caso dos romances realistas/naturalistas, sua função é criar o cenário onde a história se desenrolará; ele é mais informativo no sentido de introduzir o quadro espaço-temporal da narrativa, informar sobre o gênero literário e os códigos da narrativa. Ou então, ele procura seduzir o leitor/a leitora, capturar sua atenção fazendo com que ela queira continuar lendo. No caso de *O Estrangeiro*, trata-se de

⁴ BENVENISTE, Émile. *Éléments de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1976.

sacudir os nossos hábitos de leitores/leitoras, de mexer com nossos valores sociais com o anúncio da morte da mãe pelo personagem/narrador.

Quanto à temporalidade, a narração começa com “Hoje” colocando-nos no presente da enunciação: há um “eu” que anuncia, à queima-roupa, a morte da sua “mãe”, diz ter recebido um telegrama anunciando a sua morte e confessa não estar certo do dia preciso da sua morte: hoje ou ontem. Temos, portanto, desde o início, um problema de temporalidade. Posteriormente, ele começa a planejar sua partida para o funeral, manifestando preocupações de ordem prática em relação à viagem e ao trabalho. É como se a morte de sua mãe perturbasse seu dia a dia: ele teve que viajar, pegar um ônibus e pedir ao chefe dias de folga. Ele sente que isso o incomoda, o perturba. Tal reação ou ação do personagem diante do acontecido nos causa estranhamento. Ele aguça nossa curiosidade ou nos horroriza.

Este começo não poderia ser escrito de outra forma. O efeito que o autor procura produzir decorre do estilo adotado: conciso, sem articulação lógica (parataxe), telegráfico. A primeira frase é passiva: “maman est morte”. Esta forma introduz antes uma constatação, já que o fato está consumado. Segue-se um presente de comentário: “eu não sei”. Em seguida, o passado composto que se refere ao recebimento de um telegrama do asilo, no mesmo dia, seguido da transcrição do texto do telegrama. Por fim, o presente do comentário e o imperfeito, espécie de passado do presente. Há duas vezes o advérbio “talvez” destacando a distância do narrador/personagem em relação ao anúncio da morte de sua mãe. E três advérbios, “hoje”, “ontem” e “amanhã”, situando-nos no presente da enunciação. No entanto, o romance é escrito no passado composto. E isso porque o que é contado não está acabado, mas acabou de acontecer. O que nos permite fazer notar uma das distinções do passado simples e do passado composto, isto é, este não está separado da instância da enunciação. O que provoca a sensação de que o personagem/narrador nos fala através de um vidro (Sartre).

Mas, voltemos à questão do estilo que desempenha um papel importante no sentimento de estranheza manifestado pelo personagem e pela narrativa e na relação de causa e consequência, isto é, na motivação ou falta de motivação da ação no romance. Seria interessante, retomando Bakhtin (2013), propor reescritas do *incipit*. Como eu dizia, há dois textos ou textualidades: a do relato de Meursault e a do telegrama do asilo: texto 1. “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei. Isso não significa nada. Pode ter sido ontem”; texto 2. “Recebi um telegrama do asilo: ‘Mãe falecida. Funeral amanhã. Sentimentos distintos’”. Ambos são lacônicos.



Segue-se que a indiferença, a insensibilidade atribuídas ao narrador/personagem devem também ser atribuídas à instituição religiosa onde sua mãe estava.

Propor aos estudantes um trabalho de reescrita, permitir-lhes-á compreender melhor a dimensão estilística do romance e a sua relação com o tema abordado. Trata-se de pedir-lhes outra escrita do *incipit* e analisar suas produções em sala de aula comparando com o original. Podemos, portanto, ter produções como:

Aujourd’hui, j’ai reçu un télégramme de l’asile, où ma mère demeure, annonçant son décès. D’après le télégramme, l’enterrement sera demain mais, je ne sais pas si elle est morte hier ou aujourd’hui même parce que le télégramme ne le précise pas.

Ce matin, j’ai reçu un télégramme de l’asile, où ma mère vit depuis quelques années, annonçant sa mort. Le message télégraphique communique que l’enterrement sera demain, sans plus de précisions. Alors, je ne sais pas si elle est morte hier ou aujourd’hui.

Un jour, je reçus un télégramme de l’asile, où ma mère vivait depuis quelque temps, qui m’apprit son décès. Le message télégraphique annonçant l’enterrement pour le lendemain, ne précisais pas le jour de sa mort. Serait-elle morte le jour même ou la veille de envoi du télégramme? Je ne pouvais pas le savoir parce qu’il n’était pas daté.

Etc...

As diferentes reescritas serão discutidas em sala de aula com o objetivo de fazer a classe refletir sobre o aspecto estilístico da formulação do autor. É preciso, para isso, fazer perguntas sobre a forma, mas também o conteúdo. Por que o autor escolheu tal formulação? Por que ele transcreve o telegrama? Se o colocarmos no passado simples ou se desenvolvermos mais o *incipit*, como isso mudaria a recepção da narrativa, as intenções do autor? Etc....

Considerações finais

Dito isto, o trabalho realizado em sala de aula, na qual a gramática está necessariamente presente (ensinar as formas do PS e do PC e seu emprego), busca enfatizar o aspecto do verbo pelo qual os estudantes podem apreender a dimensão semântica e estilística dos tempos verbais a fim de adicionar uma abordagem menos formal às metodologias de ensino do FLE. E para isso, podemos fazer atividades de reescrita que buscam trazer o estilo do autor. Em seu curso publicado

no Brasil pela editora34, Mikhael Bakhtin analisa na aula de língua materna três frases de dois autores, Pushkin e Gogol, frases que se caracterizam por estruturas sintáticas subordinadas sem conjunção (Bakhtin, 2013, p.30). Após a análise, ele propõe aos estudantes reescreverem as frases adicionando uma conjunção. Com este exercício, Bakhtin quer demonstrar que a frase subordinada sem conjunção ganha expressividade, dramaticidade na medida em que se aproxima do discurso oral e da linguagem viva da vida (Bakhtin, 2013, p.42). A sua abordagem metodológica procura romper com “o carácter livresco da produção escrita» dos alunos (*Idem*). No nosso caso, a abordagem do *incipit* de *O Estrangeiro* procura mostrar a relação entre a “forma” e o “conteúdo” e ensinar-lhes os valores dos tempos verbais do passado, o que pode facilitar a sua aprendizagem e dar-lhes meios para lidar com a língua de uma maneira mais criativa.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: PARISE, Normelia Maria.

Referências

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.

BENVENISTE, Émile. *Éléments de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1976.

BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture*. Paris: Seuil, 1953.

BERTHELOT, Reine. *Littératures francophones en classe de FLE*. Paris: L'Harmattan, 2011.

CALMETTES, Joël. *Vivre avec Camus. Documentaire*. Paris: Production Arte France et Chloé Productions, 2013.

CAMUS, Albert. *L'Étranger*. Paris: Gallimard, 1942.

DEFAYS, Jean-Marc et al. *La littérature en FLE – État des lieux et nouvelles perspectives*. Paris: Hachette, 2014.



ISER, Wolfgang. *L'acte de lecture. Théorie de l'effet esthétique*. Bruxelles: Margada, 1985.

MAINGUENEAU, Dominique. *Énonciation en linguistique française*. Paris: Hachette, 2007.

MERHAM, Matthieu. La valeur des temps du passé : enseigner l'opposition entre le passé simple et le passé composé. Disponível em: <https://doi.org/10.1051/shsconf/202213806014>.

MOREL, Anne-Sophie. Littérature et FLE : état des lieux, nouveaux enjeux et perspectives. *Actes du 2ème Forum Mondial HERACLES*, 2012. pp. 141-148.

WEINRICH, Harald. *Grammaire textuelle du français*. Paris: Éditions Didier, 1989.